

No Rio, indecisos temem desemprego

CLÁUDIA BENSIMON

O bancário Jorge Luís Félix Tavares, 30 anos, mora em Maria da Graça, Zona Norte do Rio, e ainda não sabe em quem votar para governador. Nestes tempos de campanha eleitoral, tem um pensamento fixo: o futuro do filho de dois anos. "Não vejo nada melhorar. Você só vê desemprego. É difícil acreditar em política diante de tantos casos de corrupção. Pelo meu filho, eu queria um país melhor, então, mesmo assim, insisto. Procuo um candidato que seja menos pior, vejo se o cara parece ser honesto e aí voto", diz o bancário.

Medo do desemprego, descrença na classe política e insegurança em relação ao futuro não são sentimentos exclusivos de Jorge Luís. Ele é o retrato fiel do eleitor indeciso do Rio de janeiro, segundo os dados da segunda rodada da pesquisa qualitativa **JB-Universidade Estadual do Rio de Janeiro**: "Identificamos que o eleitor indeciso teme o desemprego, acha que a estabilidade é importante mas que o país precisa do desenvolvimento econômico e de mais ética na política", resume o cientista político Luiz Henrique Nunes Bahia, diretor do Núcleo de Estudos Governamentais da Uerj (Nuseg), reafirmando tendência verificada na rodada anterior, feita em junho.

Entre os dias 18 e 23 de julho, o Nuseg analisou oito grupos de eleitores na faixa dos 30 aos 45 anos, das classes A, B, C e D, nas regiões do Grande Rio (Capital e Baixada), Campos e Friburgo. A metodologia utilizada foi a de promover discussões em grupo, com eleitores representativos destes segmentos. Desta vez, a pesquisa **JB-Uerj** procurou avaliar as percepções do eleitorado em relação ao cotidiano, à classe política, o envolvimento com as eleições e a imagem dos candidatos aos cargos majoritários.

Empate — O ceticismo e o desencantamento em relação aos políticos deixou na equipe do Nuseg a sensação de que os candidatos terão que suar a camisa para ganhar o voto dessa turma, que, de acordo com a última pesquisa **JB-Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFF)**, representa 43% do eleitorado fluminense, quando a pesquisa é espontânea. Mencionados os nomes dos candidatos, o percentual cai para 8%. "Não será fácil convencê-los", conclui a coordenadora da pesquisa **JB-Uerj**, Mônica Machado. Segundo ela, a persistir a situação de empate técnico entre os dois candidatos ao governo mais citados nas pesquisas de intenções de voto — Anthony Garotinho, da coligação Muda Rio e César Maia, do PFL — os indecisos terão papel especialmente importante nas eleições de 4 de outubro para o governo do Rio.

Indiferença — "Não faço a menor ideia em quem votei na última eleição. Peguei um papel no chão, perto da seção eleitoral, em Santa Teresa, e copiei o número do político", admite Cléa da Silva, 45 anos, que vende milho verde no Centro do Rio, vai votar porque é obrigada e não está prestando atenção alguma nos políticos.

Pelos resultados da pesquisa **JB-Uerj**, Cléa poderia até se *candidatar* a porta-voz dos indecisos. "O eleitor indeciso do Rio ainda está muito distante do processo político eleitoral", diz Mônica. Em qualquer dos segmentos abordados, os eleitores não registram fatos políticos recentes e a maioria, assim como Cléa, não identifica sequer em quem votou nas eleições de 1996 (para prefeito). Os entrevistados, sem distinção de classe social, também preferem o voto facultativo.

Essa falta de envolvimento é justificada pela ausência de credibilidade da classe política. No município do Rio, a imagem que predomina é a da deslealdade, por nunca cumprirem o que prometem. "Sou uma desconfiada em potencial. Quero um futuro melhor para o país, mas, na política, tudo fica na teoria. Nunca vi ninguém beneficiar o povo em geral", reclama a secretária Hilda de Moraes, 40 anos, moradora de Copacabana.

Personalidade — Para a maioria dos entrevistados, a personalidade e o carisma dos candidato são mais influentes que sua identidade partidária. Poucos, em especial os de maior poder aquisitivo, consideram o partido determinante. Há a percepção de que os candidatos não são fiéis aos seus partidos e que, portanto, não podem exigir fidelidade do eleitor. O perfil do candidato ideal para os indecisos: honesto, íntegro e com disposição para a ação.

Fernando Rabelo



Hilda de Moraes: "Nunca vi benefício para o povo"

Sandra de Souza



Cléa: "Peguei um papel do chão e copiei o número"

Fernando Rabelo



Jorge é bem claro quando chega época de eleição: "procuo um candidato que seja o menos pior"